

A embaixada de Portugal em Londres... ...um projecto decorativo

Em 1932, Ruy Ennes Ulrich, advogado, professor de direito e administrador de várias companhias portuguesas, é nomeado Embaixador de Portugal em Londres. Por essa ocasião, o Estado Português decide adquirir um novo edifício para a legação e encarrega o diplomata da escolha do local bem como da respectiva decoração.

A escolha recaiu num edifício de estilo neoclássico George IV, no número 11 de Belgrave Square, onde ficariam instaladas a embaixada, a chancelaria e a residência do embaixador. O imóvel desenvolvia-se em altura, como é comum nas residências georgianas e a compartimentação original da casa foi mantida: no rés-do-chão, situavam-se o vestíbulo, o hall e a sala de jantar, uma sala de trabalho e o escritório. As salas de estar continuavam no primeiro andar e os restantes pisos foram destinados aos quartos de dormir e de vestir.

A decoração foi conduzida pela embaixatriz Genoveva de Lima Mayer Ulrich (a escritora Veva de Lima), numa primeira fase ainda a partir de Lisboa. A Embaixatriz convida para a elaboração do projecto o arquitecto Vasco Regaleira (Vasco de Morais Palmeiro, 1897-1968), licenciado pela *Society of Architecture* de Londres e graduado pelo Real Instituto de Arquitectos Britânicos. Com o empenho de Veva de Lima, foram contratados e adquiridas obras de uma série de pequenas manufacturas e artistas nacionais, mas também foi dada uma grande abertura a produtos modernos e estrangeiros. Esta nova



Projecto para a Sala Salmão ou Sala Vermelha

embaixada de Portugal, em Londres, gozou de grande popularidade pelo seu espírito moderno e pela sumptuosidade dos seus interiores, tendo merecido um artigo muito elogioso na revista *The Queen, the ladie's newspaper*, em Dezembro de 1935.

O projecto foi materializado por Vasco Regaleira num álbum de aguarelas intitulado "Esquissos de Decorações de Interiores para a Embaixada de Portugal em Londres"¹, e ditado pelo gosto e escolhas pessoais da embaixatriz, cuja residência em Lisboa fora já notícia em periódicos dos anos 20. Neste álbum foram apenas contemplados os espaços de representação da embaixada (*hall*, escadaria, sala de estar, salão e sala de jantar) e foi dada grande importância à exactidão das cores e acabamentos a usar (recorrendo a referências internacionais do *The Architects Paint Specifications Book*) e à pormenorização dos interiores (desenhos dos elementos estruturais e de mobiliário, mas também a disposição dos quadros, dos vasos com flores, do

local exacto dos objectos decorativos). Por ter sido executado em Lisboa, o projecto inicial foi posteriormente corrigido. Desta correcção, a decoração final da casa perde alguma da modernidade e da originalidade prometidas no projecto inicial, a favor de uma representação do país. A embaixada acabou assim por ser, neste período de 1933 a 1936, um compromisso entre um projecto *Art Deco* e uma decoração mais convencional que representasse o património artístico do país, as suas indústrias e que promovesse também a sua identidade cultural.

Algumas imagens denunciam a mimese da casa do embaixador em Lisboa², com a utilização de escaiolas de gosto italianizante, o uso de pesados cortinados a distinguir os espaços, o gosto por um cromatismo forte e a omnipresença da cenografia. Por outro lado, o espírito *Art Deco* reflecte-se no projecto da sala de jantar, com a cópia de candeeiros e apliques de Jacques-Emile Ruhlmann para o Grand-Salon do Hotel du Collectionneur (da Exposição de Artes Deco-

rativas de Paris, em 1925). As consolas dessa sala sugerem os trabalhos de Raymond Subes em ferro e a utilização de um portão de ferro forjado de risco de Regaleira como divisória de dois salões, filiam este projecto no que de melhor se produzia internacionalmente.

Em consonância com as preferências da época, o projecto integra uma nota de exotismo, em pormenores decorativos, que evidenciam um gosto oriental que não tem apenas a interpretação política da multiculturalidade do povo português, mas num genuíno interesse pela arte oriental e “artes primitivas” (de África, Oceânia, etc.) que, na época, levaram à formação de importantes colecções como a dos Barões Stoclet, em Bruxelas.

A sala de jantar, a mais fiel em relação ao *croquis* e a que mais surpreendeu a jornalista do *The Queen Magazine* em 1935, desenvolvia-se em torno de uma mesa desenhada por Victor Ramos, inspirada num modelo francês de Adnet, em pau santo e marfim e um grande aparador de ferro forjado, numa evocação das *ferroneries* de Edgar Brandt. Esta sala, forrada a brocado prateado e azul, era indirectamente iluminada por quatro candeeiros em vidro veneziano desenhados por Zecchin Martinuzzi para Pauly & C.C.V.M, em 1933.

Estas notas internacionais em nada contradiziam as produções nacionais da sala: nomeadamente os têxteis parietais ou o tapete de Beiriz, copiando um desenho de tapete oriental dos anos 30 e em perfeita sintonia cromática e estilística com o conjunto.

O projecto contemplou também uma série de alusões nacionalistas que, dada a sua exuberância teatral, foram posteriormente abandonadas: nas escaiotas dos vestíbulos, os nomes de Viriato e Sertório encimavam os acessos às restantes divisões do piso. Da lanterna projectada, de rico cromatismo, pendiam as letras que compõem a palavra Lusitânia. No entanto, quer o projecto, quer o resultado final da embaixada eram indefinidos quanto à orientação do espaço interior como espaço de representação de um país ou como interior doméstico dos seus ocupantes. A disposição dos objectos nas mesas, tão



Um dos projectos para a Sala de Jantar




Desenho de Vasco Regaleira para o portão de ferro do salão

pormenorizada nos esboços, coloca em profundo contraste retratos pessoais e retratos oficiais. Um pequeno urso de cerâmica de LeManceau para a Manufatura de St-Clement ou os tapetes de peles, o “descuido” da colocação de almofadas que surgem nas imagens de interiores da época como sugestão de uma íntima domesticidade que muito pouco se adequariam à ideia que actualmente fazemos dos espaços oficiais. Esta indefinição foi ainda sublinhada com a utilização dos móveis, pinturas, ourivesaria e *bibelots*, propriedade do embaixador, e que constituíram, sem dúvida, as peças que conferiram à embaixada grande parte do seu prestígio.

Neste conjunto, que foi colocado a par das peças mais modernas, destacam-se uma mesa de talha de Adolfo Marques, idêntica à comprada pela Rainha D. Maria Pia; pinturas da escola portuguesa e um óleo atribuído a Luca Giordano; um conjunto de salão em pau santo, contadores indo-portugueses, ourivesaria antiga e da Casa Leitão e

Irmão; porcelanas, cristais e uma extensa colecção de arte oriental.

Em 1936, Ruy Ulrich foi afastado do seu cargo em Londres. Na sequência de uma polémica diplomática e pessoal envolvendo o pretendente ao trono, D. Duarte Nuno (1907-1976)³, o embaixador é afastado e substituído por Armindo Monteiro. A embaixada perde, então, toda a sua originalidade. Todo o espaço foi redecorado, num trabalho coordenado por José de Figueiredo e materializado pelos Arquitectos Rebelo de Andrade. Quando chegou a Londres o novo embaixador descreveu assim aquela que a *The Queen Magazine* considerava uma das mais interessantes e requintadas Legações da Capital Inglesa: “não posso deixar de dizer que causa espanto – indignação ou vontade de rir – a maneira como foram arrançadas as paredes da casa. Por toda a parte fingimentos de mármore de cores variadas – verde, cor de laranja, encarnado – cores berrantes, dourados ou prateados absolutamente impróprios de uma Embaixada. Um paiz de mármore, como o nosso, não pode ter aqueles ridículos fingimentos nas paredes da sua Embaixada. E não me parece que seja decente o recurso à cenografia. Tudo tem de ser repintado, de maneira sóbria e digna, já que não pode ser rica. Os tons cremes dariam plena satisfação”.

Deste modo, o valor do álbum do projecto da embaixada vale sobretudo pelo documento que constitui e pelo reflexo de um gosto mais ou menos pessoal mas em sintonia com uma determinada época. Mas vale também como memória de um património nacional; quer pela materialização das modas e ideias quer como projecto de representação patrimonial, artística e política de Portugal no estrangeiro. 

NOTAS

(1) – Este álbum é actualmente propriedade da Fundação Maria Ulrich e encontra-se na Casa Vêva de Lima.

(2) – Artigo publicado na revista *Pedra & Cal* n.º 27.

(3) – Pai de D. Duarte Nuno, actual Duque de Bragança.

MÁRIO GOUVEIA,
Técnico da C.M.Lisboa – Reabilitação Urbana
MÁRIO NASCIMENTO,
Técnico da C. M. Lisboa – Museu da Cidade